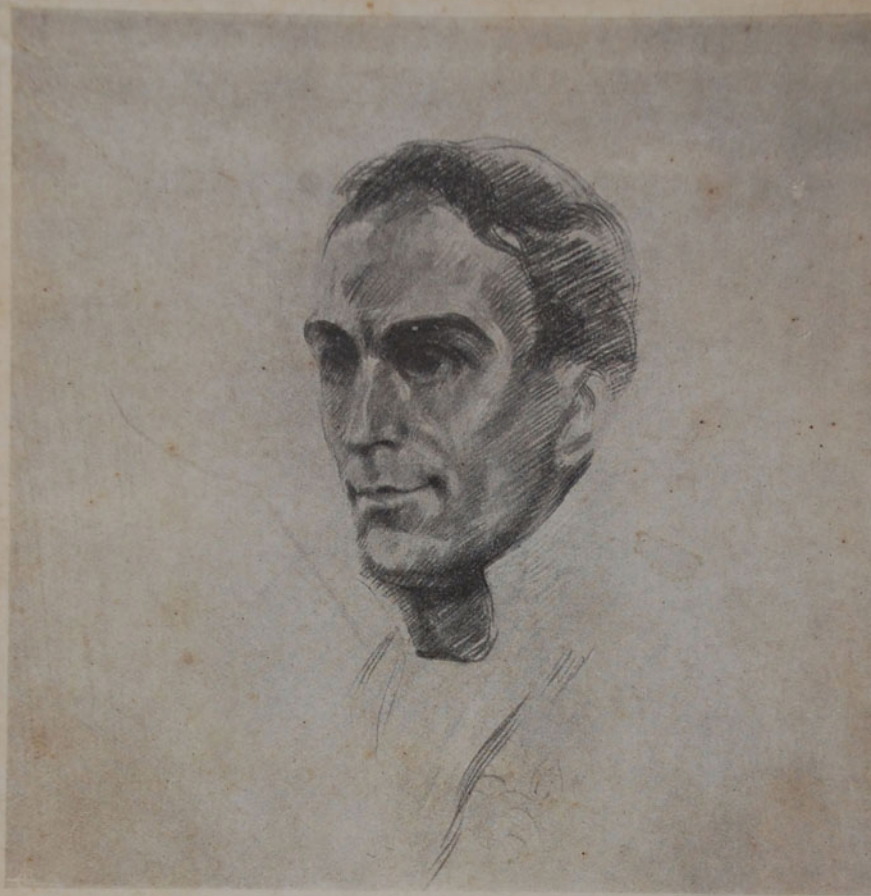

CARTAS INÉDITAS DE ANTONIO NOBRE

EDIÇÕES "PRESENÇA,,

A Fernando Pessoa,

com a maior admiração e estima

do Adolfo Casais Monteiro

CARTAS INÉDITAS DE ANTÓNIO NOBRE

CARTAS INÉDITAS DE ANTÓNIO NOBRE

Editadas
com uma introdução e notas
por

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

EDIÇÕES "PRESENÇA,,
COIMBRA MCMXXXIV

A' MEMÓRIA DE
AUGUSTO FERREIRA NOBRE

AO SENHOR
DR. AUGUSTO NOBRE

O EDITOR

INTRODUÇÃO

Parece que hoje, mais do que nunca, o público letrado, e até o que não é letrado, se lançam apaixonadamente à leitura dos diários íntimos, correspondências e memórias, dos escritores e dos artistas cuja obra conseguiu aquela nomeada que os impôs, discutidos ou indiscutidos, como *valôres*.

Dir-se-ia até que tal apaixonado interêsse vai, para lá do artista e do escritor, incidir sôbre o homem, fazendo mesmo esquecer a obra para ùnicamente pôr em destaque as preocupações e os gostos, os tics e as manias, os vícios e as virtudes, a biografia do homem: ¿onde, como, com quem viveu? ¿Sempre, só o homem, o homem despido da sua personalidade de artista, igual a todos os que não receberam o *dom?* Não. Porque a biografia e as cartas de *um de entre a multidão,* não podem interessar, pela razão de não terem os anónimos biografia. ¿Tem-na então os artistas e os escritores? Talvez nem sempre, se entendermos por biografia com interêsse aquela em que haja uma acção que tenha valor romanesco. Mas não é isso — a não ser excepcionalmente — o que nos interessa nessas memórias, diários e correspondências: é a biografia interior; é a história *de*

dentro, a que tem as personalidades de excepção, as quais podem embora não ter — geralmente, insistamos — história exterior.

E' certo, porém, que existem espécies diversas de leitores de memórias, diários e correspondências: há, principalmente, aqueles a quem, tam sòmente, a sofreguidão do romanesco conduz; aqueles a quem atrai uma doentia curiosidade bisbilhoteira; e ainda os eruditos, para quem uma qualquer data nua vale tanto como um lance trágico duma vida...; mas nenhum dêstes é o verdadeiro leitor de que nos ocupamos.

A êsses, não os move o carácter intrínseco de tais obras. Simplesmente, vão lá buscar o que lhes poderia dar igualmente, ou um romance, ou uma obra histórica, ou uma notícia biográfica.

Ora, o carácter intrínseco das páginas em que um homem se conta, ou as cartas em que directamente se comunica, é bem diverso do anedóctico que possam conter. E o que lá buscamos, é o segrêdo mais íntimo da personalidade. ¿Qual a relação entre a obra e o homem? ¿Aquele que conhecemos duma obra feita para ser lida, como é, quando não pensa no publico? ¿Não desvendará então mais alguma coisa? Porque a virtude do grande artista, do grande escritor, revela-se na insatisfação que nos deixa. Não nos basta o que nos oferece. Pressentimos um segrêdo, algo inviolável que fica por detrás — a própria razão da obra. Sim, é o segrêdo do homem que nos atrai — mas que nos atrai porque o artista nos

revelou uma personalidade, e nós queremos penetrá-la até ao mais íntimo. Sabemos que, se alguém escreve, é porque tem alguma coisa a dizer-nos; sabemos — ou apenas pressentimos — que nunca é perfeita a comunicação, que para dizer uma coisa é preciso sacrificar muitas outras, que por um veio de água encontrado, muitos outros permanecem inviolados nas entranhas da terra. E é essa esperança de ir um pouco mais longe, a esperança de que, ao escrever sem pensar nos que o vão ler, talvez o artista consiga ir mais fundo e mais longe, é essa esperança que provoca a sofreguidão por êsses vestígios sem pretensões que são as cartas e os diários íntimos (ponhamos de parte as memórias, pois são, em geral, escritas com a preocupação de mais cêdo ou mais tarde serem publicadas).

Sabemos que um grande artista não é um homem diferente dos outros: não é, portanto, a curiosidade por um habitante doutro planeta o motivo do nosso interêsse: é, sim, o sabermos que, homem como os outros, mistura inextrincável de virtudes e vícios, de miséria e grandeza, humildade e orgulho, crueldade e ternura, como todos os outros, êle é mais completamente tudo isso do que aos outros é dado. Êsse mais, não está só em que os seus instintos e os seus sentimentos são mais fortes, mais apurados, mas na consciência que tem do que é, e no poder de o manifestar. Ora, quando se dirige ao público, mesmo falando em seu próprio nome, sem disfarce algum, o artista parece

guardar sempre em secreto alguma coisa. Dir-se-ia que *dirigir-se* o inibe, o limita, lhe põe na bôca uma mordaça. E, se é certo que o mais importante num romance ou num poema ou num drama, é o que o artista confessa de si próprio, mesmo disfarçando que não é, essa mesma confissão não basta à nossa sêde. Na obra mais pèssimista entrevemos uma tal comunhão com os mistérios da terra e dos sêres, dos homens e de Deus, que ansiamos saber como se deu o milagre, qual foi a chave que ao artista abriu essas portas fechadas para a maioria dos homens. Porque mesmo se o segrêdo é um segrêdo terrível, ainda assim o *poder das chaves* — como diz Chestov — nos apaixona. O que nos importa não é a conclusão — seja optimista, seja pessimista — mas o saber; a sêde do conhecimento é mais forte que o terror, e o homem ousará abrir a porta, sabendo embora que é *o nada* que está do outro lado, só para saber *como é*.

Assim, desde o simples «querer saber como é o artista quando não pensa no público», até à mais profunda sêde de conhecimento, uma série de razões cada vez mais profundas e imperiosas nos guia para tais leituras.

Em nossos dias, com um fervor que jàmais foi tão intenso, a nudez da alma humana apaixona. Outrora, mesmo as prospecções mais ousadas se retinham ante certas barreiras; estas, hoje, e mesmo as que pareciam inultrapassáveis, estão superadas, destruídas por um vendaval indomá-

vel — e nada detém o homem no desbravar das suas florestas interiores. Há quem diga, até, que a arte morre, e que só o humano nos interessa. Êrro grosseiro, porque jàmais uma arte que não fôsse humana nos interessou. A diferença está em que a noção de arte é hoje bem mais larga, que já não fazemos questão de proporções, de equilíbrio, de ângulos e de curvas bem delineados. O nosso conceito de arte é — dirão os últimos adeptos do classicismo — bárbaro, despreza a forma. ¿Mas desprezará? A verdade é que um novo — ou mais largo — conceito de arte envolve um novo — ou mais largo — conceito de forma. E é ainda por isso que certas correspondências, certos diários íntimos, não hesitamos em classificá-los como arte — pois também o espontâneo pode ser arte — como o elaborado pode não o ser. Há homens que são artistas o mais desprevenidamente possível, que o são sempre que se exprimem. Assim não pensará o leitor de espírito clássico, para o qual à arte se liga sempre a intencionalidade. E êste sentido perdura ainda com tal fôrça, que o uso aqui feito da palavra «arte» nos arrisca a vê-la mal interpretada — pois para muitos ainda parecerá inconveniente chamar arte, por exemplo, às admiráveis cartas de Baudelaire a sua mãi. ¿Porquê? Porque para êsses mesmos *arte* não é um valor tão alto como humanidade. Acatarão o dizer-se que essas cartas são duma humanidade fremente, duma funda riqueza introspectiva, e por aí fora, mas não acha-

rão próprio designá-las como obra de arte, já que são cartas, e, cartas íntimas, sem qualquer intenção que não seja exprimir-se para um ente que se adora e de quem se aspira ser compreendido. Humanas, profundas, comoventes — ¿¡mas arte?! Arte, na verdade: sempre que o homem consegue transmitir uma parcela daquela pessoalidade única pela qual nos eleva e nos enriquece, dum enriquecimento que é tanto aumento de vida interior, como aumento do conhecimento do mundo exterior (passe a distinção cómoda, ainda que falsa — mas necessária), duma elevação que não é só de nós próprios como indivíduos, mas de nós próprios como parte dum todo — sempre que essa transmissão se dá, que essa comunicação se estabelece, diremos que há arte; diremos, até, que só a arte pode ser o agente dessa comunicação. Certamente que para sua mãi que as recebia, essas cartas de Baudelaire não eram arte — e não é mesmo ousado afirmar que nem os admiráveis versos do filho eram arte. ¿Mas a que título, senão porque são arte, essas cartas nos interessam?

Fernando Pessoa distinguiu três formas de arte: a suprema, segundo êle, é a que eleva. Que nos eleva — ¿até onde e como? Que nos eleva libertando-nos das nossas misérias pequeninas; dos nossos egoísmos; da nossa solidão. Que nos eleva fazendo-nos atingir a nossa mais verdadeira realidade, integrando-nos na grandeza dos poderosos ritmos da existência, depurando-nos e gal-

vanizando-nos. Que nos eleva à consciência da totalidade no mesmo instante em que nos dá a consciência da individualidade mais íntima. Descer aos abismos e subir aos céus, eis a elevação, e a arte é o instrumento que a realiza. Que, pelo menos, a realiza para aqueles que recebem a mensagem. Pois dessa elevação na sua forma mais alta é que o artista arranca o barro no qual amoldará as obras pelas quais tenta comunicar-se.

Nos meados do século passado, quando Dostoïevsky pela primeira vez foi traduzido em França, a sua obra apareceu como um tumultuar desconexo, e os primeiros tradutores julgaram-se com o direito e no dever de a adaptar — de lhe *dar forma*. Faltava-lhe, pensavam, arte. Diremos hoje: nessa época confundia-se arte com forma, e aquela sem esta era coisa que não se podia conceber. Se hoje se traduz de novo Dostoïevsky, agora sem mutilações nem recompilações, mas integralmente, é que essa antiga convenção já não predomina. Sequiosos da mais íntima verdade de cada artista, também ao editar diários ou cartas não se pretende dar obras que entretenham e distraiam — mas que elevem, como arte que são.

*

É de notar como a nossa literatura é pobre em cartas e em diários íntimos — e até em memórias. Poder-se-ia atribuir essa falta à incúria dos eruditos, mais preocupados em saber quando nasceu,

em que terras passou e de que idade morreu um escritor, do que em trazer a público os inéditos de tôda a ordem que possam existir. E, sem dúvida, numa pequena parte tal atribuïção seria acertada. Mas, se não aparecem, a principal razão é que poucos são os que os redigem — isto pelo que diz respeito aos diários íntimos. E da correspondência, se tão poucos são os volumes de cartas publicados dos nossos escritores, não se procure outro motivo senão a pouca consideração que a obra literária e o escritor sempre tiveram em Portugal. Para citar apenas dois exemplos, casos diversos do mesmo fenómeno: como se compreende que não se tenha feito uma reedição das *Cartas* de Antero, há tanto tempo esgotadas? Como se explica que de Eça de Queiroz, o qual, quando mais não fôsse pela sua longa permanência no estrangeiro, devia ter uma importante correspondência, não exista publicado senão um magro volume de *Correspondência?*

Não é ao acaso que isto se deve: mas ao facto primordial de Portugal não possuir uma cultura, e, lògicamente, tampouco uma literatura. Em Portugal tem havido, e há, homens cultos. Tem havido, e há, escritores. Falta a cultura e falta a literatura. Para que a primeira exista, é necessário que a vida do espírito não seja apanágio duma escassa meia dúzia. Tal meia dúzia pode bastar como dínamo gerador, como nódulo central e expansivo. Mas quando a voz dêsses escassos se perde num silêncio de desatenção, sem eco

algum que a propague, quando a vida do espírito não toma amplitude social, a cultura não existe. É por razões em parte idênticas que não existe literatura. Homens que escrevam, isolados, tendo cada um os seus leitores, isso não basta para se poder afirmar a existência duma literatura. Não se trata, neste caso, apenas da ausência — relativa, é claro — de público. Trata-se, sim, de que êsses escritores não formam um todo, não os ligam laços que os tornem uma comunidade. Resumindo, sintetizando e aclarando: em Portugal não existem gerações literárias, salvo duas excepções: a primeira é a daquele grupo a que se chamou geração de Coimbra: Antero, Eça, Ramalho (resta, e é trabalho que nos propomos para outro lugar, averiguar se se trata na verdade duma *geração);* a outra é demasiado dos nossos dias para que não me pareça inoportuno designá-la. Para que um povo tenha uma literatura, é preciso que, regularmente, se destaquem do seu seio grupos de indivíduos, porventura sem qualquer ligação pessoal uns com os outros, porventura até desconhecendo-se, e isolados socialmente, mas tendo em comum uma certa *mensagem* a exprimir: um certo *espírito,* para usar uma expressão mais corrente. E é a falta de tal espírito que dá à nossa *literatura* aquela tonalidade baça que a distingue. ¿Feição estrutural do povo português? ¿Debilidade adquirida, e fundamente arraigada, a tal ponto que se tornasse quási impossível destruí-la? Não sabemos.

Sabemos apenas o mal que nos corrompe, e é fundamental justificação da falta de interêsse universal da nossa literatura.

Mas — perguntar-se-á: ¿que diferença há, afinal, entre um povo que tem escritores e um povo que tem literatura? ¿Não se tratará apenas dum sofisma? Ora, não receamos afirmar que — ¡ai de nós! — tal distinção corresponde a uma realidade insofismável. Desenvolvamos, pois será também o melhor processo de atacarmos o caso especial que nos interessa: Todos os que têm abordado a nossa literatura com um pouco de senso crítico, sem que tenham a entorpecer-lhe os espíritos o pavoroso *parti-pris* «tudo o que é português é bom, *porque* é português», todos terão visto quanto ela é pobre de humanidade. Tirante meia dúzia, os nossos escritores clássicos só conseguem distinguir-se pela prosa rica e bem *trabalhada,* e... pela ausência de conteúdo que essa prosa aflitivamente revela. Sei que, para quem não se satisfaça com as proezas do estilo, a nossa literatura se resume em meia dúzia de personalidades. Quere dizer: a nossa literatura é os nossos grandes escritores. Ora, não bastam, como já disse, êsses grandes escritores para, em nosso entender, se poder afirmar a existência duma literatura. Dizendo «literatura», subentendemos «conjunto»: e êste conjunto não significa soma de parcelas, mas unidade — ainda que seja a unidade na diversidade. Só de tal unidade, na qual as grandes personalidades não são como blocos de granito

isolados numa planície, mas como os mais altos cumes duma cadeia de montanhas, pode nascer o convívio espiritual que é o humus indispensável ao pleno *épanouissement* do artista. Um ambiente, eis o que sempre faltou aos nossos escritores. Daí se pode concluir, à priori, que *não deve* haver grande abundância de correspondência literária (E a realidade confirma: o que nos leva a ampliar uma afirmação anterior: se há pouca abundância de correspondência publicada dos nossos escritores, à razão apontada da provável incúria dos destinatários, pode-se agora acrescentar — e referindo-nos à correspondência escrita e não apenas à publicada — que o isolamento dos escritores explicará que encontremos relativamente poucas cartas tratando assuntos literários — coisa exemplificável com a *Correspondência* de Eça, e até com estas *Cartas Inéditas* que agora publicamos). Daí se pode concluir, idênticamente, que não havendo ambiente não haverá também memórias literárias (As que há, mostram precisamente que *não as há*). E, ainda, que não haverá diários íntimos, pois numa literatura que acima de tudo cultiva a forma, a superficialidade, o adôrno, é difícil aparecer obras que, como essas, acima de tudo revelam a propensão para a vida interior.

Eis o quadro com que deparamos: vemos que a literatura portuguesa não é uma literatura no verdadeiro sentido da palavra; e vemos ainda que a deficiência de certos géneros literários provém disso mesmo. Isolados neste extremo

ocidental da Europa, tendo vivido sempre de imitar, não conseguimos ter nunca uma vida intelectual, por mais que quiséssemos fingir, imitando, os seus aspectos exteriores. Tudo entre nós é incompleto: dir-se-ia que uma fatalidade pesa e nos oprime, que aniquila todos os anelos duma verdadeira espiritualidade, que isola, deprime e muitas vezes acaba por reduzir ao silêncio os grandes espíritos, como se não tivéssemos fôlego para uma continuïdade na construção duma cultura, nem para manter o convívio com a nossa verdadeira vida: somos como alguém que quisesse cantar e cuja voz não pudesse sustentar-se, e a cada nota descesse, sumindo-se, esgotada... O nosso pior mal é uma carência de vida: a falta de crença na grandeza insubstituível da vida do espírito.

*

António Nobre é ainda hoje um poeta discutido: sinal que a sua obra permanece viva. Ao dizer discutido, não pretendemos sequer referir-nos a ataques tal o dum Albino Forjaz de Sampaio — investida tão verrinosa, de tão ridícula animosidade, que mal se explica que um morto possa despertar uma paixão semelhante. Referimo-nos, sim, às correntes de simpatia e antipatia que em volta da sua obra se tecem, mas de simpatia e antipatia justificadas pela obra, e não apenas por complexos evidentes de inferioridade

(caso de Albino Forjaz de Sampaio) do próprio crítico.

A obra de António Nobre é das mais próprias a suscitar tais extremos na apreciação, tanto tempo passado já, sem que haja para justificá-los a actualidade duma innovação, o choque sempre produzido pelo aparecimento duma sensibilidade original exprimindo-se em formas originais. É que a poesia de António Nobre é a primeira que entre nós manifestou um quási exclusivo predomínio do sentimento. Por isso um racionalista — Castelo Branco Chaves — o criticou tão acerbamente por não achar nos seus versos um fundamento racional, nem tampouco social. Não, a poesia de Nobre é um espraiamento de sensibilidade. O que na personalidade de Nobre domina, não são ideas, não porque as não tivesse, mas porque desde muito cedo todo o seu ser foi perturbado pelo reflexo, no físico e no moral, da doença. A sua poesia é assim uma luta com a morte, e a sua única arma de defesa. Outros escudam-se em estoicismo, outros ainda *vingam-se* numa fúria destruïdora, contra a sociedade, contra os sãos, contra Deus... Nobre, nem se vingou, nem tinha fôrça para fitar, indiferente, a morte que o esperava, inflexível: queixou-se, embalou-se na sua tristeza enorme. E essa dor que o pungia, essa saüdade que o seu ser, ainda em vida, já tinha de tudo o que amava e sabia lhe ir ser arrancado em breve — fêz desabrochar tôda a sua possibilidade de sentir a dor esparsa no universo. O doente comunga com

tôdas as coisas em que pressente a doença — é uma doce fraternidade que lhe resta.

Por isso, à obra de António Nobre, tôda impregnada da mórbida comunhão com as coisas e os sêres condenados, as coisas e os sêres incompletos, anormais, desgraçados, não se vá pedir uma visão optimista da vida, versos heróicos, estrofes gloriosas. Mas não é só isso que encontramos na sua obra; a certos artistas sob a garra da doença, e principalmente aos tuberculosos, desenvolve-se-lhes o dom de intimidade com essas pequenas coisas que em geral passam desapercebidas aos sãos. Disse «aos artistas doentes», e não «aos doentes», porque não penso repetir o tão vulgar equívoco de explicar a arte pela doença dos artistas. ¡Quantos doentes sem um vislumbre sequer de emoção por tais pequenas coisas!

Nobre amou, e cantou as suas amadas. Cantou as païsagens que amou, todos os lugares, e também os sêres ligados à sua vida. Isso fizeram igualmente muitos outros. O que distingue Nobre é a maneira estranha, exagerada, o paroxismo que põe a exprimir tudo isso. Se a hipertrofia diminui a extensão das suas zonas de interêsse, as que lhe restaram vivas, actuais, ganharam em profundidade.

O homem que escreveu estas cartas que hoje publicamos, não parecerá a muitos, porventura, o autor do *Só* e das *Despedidas*. É que nas *Cartas* há dois António Nobre: há o das cartas a Alfredo de Campos, a Augusto de Castro, ao sr. dr. Agosti-

nho de Campos, e há o das cartas a sua Irmã, a seu Irmão, a sua Cunhada. As poucas cartas que se publicam, das muitas que com certeza dirigiu aos três amigos acima citados, distinguem-se pelo tom, pelo estilo, pelo assunto, por tudo. É que são do Nobre de Leça, e dos tempos de estudante em Coimbra, é que se dirigem àqueles que viviam na mesma atmosfera emotiva e literária. As cartas à família valem pelo seu interêsse biográfico, as cartas aos amigos principalmente como índices de estados de alma. Mas uma grande parte daquelas tem ainda o incomparável valor de nos contar a odisseia do poeta em busca da saúde, os seus exílios de doente, as oscilações entre a esperança e o desespêro. E de tôdas estas, sobressaem por atrozes as do último período da doença, quando de aldeia em aldeia, em Portugal, António Nobre conhece o maior sofrimento: a par do que lhe dá a doença, o moral que lhe provoca a repugnância, o receio que o seu estado inspira nos lugares onde se refugia. Essa odisseia que o impele de terra em terra, no receio de que descubram, de que a terrível suspeita se apresente: ¡tuberculoso!

Estas *Cartas Inéditas de António Nobre* não são ainda o volume que desejaríamos publicar. O desiquilíbrio, nesta, é muito grande entre as cartas a pessoas de família, e as cartas aos amigos íntimos. Preferiríamos apresentar maior número das segundas. Mas, ¿que fazer? Limitemo-nos a recordar, tristemente, o que atrás

Para a boa compreensão do texto, julgamos úteis os seguintes esclarecimentos:

Para comodidade de leitura, as notas foram tôdas reünidas no fim do volume; estranharão talvez os eruditos que para uma tão importante colectânea de cartas inéditas, as notas sejam em tão reduzido número. A razão é esta: limitámo-nos a dar aquelas indicações que nos pareceram necessárias ao claro entendimento do texto, tendo em conta que, por trabalhos já publicados, o curioso de minudências biográficas pode saber aquilo que lhe interesse, e nos pareceu inútil repetir aqui, Mas, principalmente, sendo a nossa preocupação ao editar estas cartas contribuir para o conhecimento da personalidade de Nobre, e não da sua biografia exterior, *essas minudências seriam aqui despropositadas.*

Adoptámos os seguintes sinais: quando se suprimiu parte duma carta, uma linha de pontos entre chaves; quando a supressão foi apenas de uma ou poucas palavras, apenas meia dúzia de pontos entre as chaves. Um ponto de interrogação entre chaves significa que falta uma palavra que foi impossível decifrar. Tôdas as vezes que se acrescentou alguma palavra que, por lapso, António Nobre se esqueceu de escrever, essa palavra figura entre chaves.

Se bem que em geral as cartas estejam datadas, falta por vezes a indicação do ano. Nesses casos, essa data figura entre chaves.

CARTAS INÉDITAS

DE

ANTONIO NOBRE

1

A ALFREDO DE CAMPOS [1]

Caldas de Vizella
18, 6, 1888.

Alfred:

Ainda bem que te lembraste d'este desgraçado Thermita, que desde que aqui está só teve 10 minutos de prazer: — aquelles em que a teu lado percorri, no «Express» da phantasia, os 60 kilometros que tam distante me têm da minha extra-querida Bôa-Nova. 10' cheios, crê! O resto do tempo tem sido para mim insupportavel, — a não sêr aquella aventurasinha de amôr, em que collaborei de mãos dadas com o Antonio Guerra e o Guilherme Puls. Gostei d'aquillo. Para mim, creatura edgardicamente romantica, só o excentrico, só o extra-humano póde servir. Não conheço nenhuma d'estas pessôas o bastante para conversar com ellas, nem mesmo eu pretendo crear relações: de modo que sou obrigado a andar só, excepto nos ligeiros passeios que dou com meu Pae de caza para a *douche* e da *douche* para caza. A proposito: sabes que assisto todos os dias à *douche* que meu Pae toma, e que acho engraçadissimo todo aquelle mechanismo? Meu Pae,

um um rijo velhinho, apezar dos seus 71 annos, reziste heroicamente, nú, em pelote, às furiosissimas vergastadas de água com que lhe piza o corpo, um banheiro moreno, de olhos-vesgos e luneta... Apezar de não me serem necessarios, todas as 2 horas me estiro, languidamente, por uma tina dentro. Vejo-me nú e sorrio... Não de orgulho, crê, porquanto o meu pobre esqueleto que vale ao pé d'essa esculptura S... que na tua cartinha referes? Mas, eis-me no fim da ultima columna, e ainda não respondi à essencia das tuas linhas. Porque tu usas essencias nas cartas, sabes? O contacto das mãos... Primeiro que tudo, recebeste o meu «english tellegramm»? Nei sei porque to mandei, n'aquella lingua. Certamente, à hora em que o expedi, era a hora da minha «maluquite» e por isso tive a pretensão de ensinar aos fios de Portugal a linguagem de Charlotte [2]. Ou talvez fôsse por economia... não sei! Queres tu satisfazer uma phantasia que há dois [*dias*] me põe no cerebro uma pontinha de febre? Uma palestra pelo telegrapho, hein? Preguntas e respostas: tu preguntas e eu respondo. Philosophia é talvez o assumpto que melhor te quadra, visto fallares-me n'isso, em a segunda pagina da tua carta. Mas o que tu quizeres. Disparates, versos, charadas... (esta ultima coisa desnecessaria é, talvez, porque verdadeiras charadas serão os telegrammas). Telegrapha-me, logo de manhã, porque os nossos telegraphos, — o d'aqui e o de Leça —, fecham às 6 da tarde, e

nós precizamos de tempo para o nosso mutuo bombardeamento espiritual!... Olha que isto é a serio e espero a tua «riposta» pela primeira que mandes. «Ripostas» e não respostas serão as dos telegrammas, visto sêr um duello pelo fio... Ainda agora, isto é mais uma vez noto que nada por emquanto respondi à tua «conceituosa» cartinha. Já agora, como se diz n'este bocado do Minho, não respondo. O sol sumiu-se e pouco vejo já. Por isso, adeus! Vou deitar esta na caixinha côr de loiza, onde dormirá o seu somno até à partida do comboyo. D'aqui por tres horas dormirei, tambem, havendo previamente scismado um pouco sobre as «Maximes» de Mr. de La Rochefoucauld.

O teu

Antonio Nobre.

2

A AUGUSTO DE CASTRO [3]

Quinta — Tarde *Penedo da Saudade*
18. Ouct. 1888 *Coimbra*

Meu querido amigo:

Como hei-de eu principiar? Não sei. Tantas e tantas têm sido as minhas dores, tam grandes as impressões que me vão ennoitecendo a alma

que, deveras, hesito em a maneira de te dar a lêr as «Memorias de trez dias» do teu pobre António, O Penedo da Saudade é, na verdade, o unico sitio em que podia viver: à janella do meu quarto, que dá para as bandas de onde nasce o sol, passo eu infinitos segundos, meditando na minha vida que é ainda mais triste do que eu. Não me acho bem em parte alguma do Planeta... (e tam pouco hei visto d'elle): às vezes chego a crêr que só na cova serei feliz. Dorme-se, tão bem, lá: pergunta ao Hamlet. Essa alcova seria bem mais commoda que a esta outra que me destinou o Dr. Porphirio. Não tenho lá, como cá, o trabalho de dar a roupa ao rol. [*Os*] linhos que a minha amante me vestir, e os lençoes que o bom coveiro me pozer só serão mudados, — eu sei? no dia de Juizo. Aqui, ao toque da Cabra, o sino, entro na minha alcova do Penedo da Saudade, para tornar a sahir no dia seguinte, mas ah! quando, emfim, morrer eu hei de entrar ao som do «sino-mocho», na outra alcova, porêm, meu amigo, não sahirei nunca mais. Perdôa as minhas tristezas. Vê lá como eu estou. Dize-me: se sou assim enquanto moço, o que serei então depois de velho? Hontem, não sahi depois de jantar. Deitei-me. a trôxe-môxe, vestido como estava por cima do *édrédon* e lá passei algumas horas, pensando em todos os gostos e desgostos que tive, desde que este anno entrei em Leça, até que sahi. Lembrava-me de ti que és o meu amigo, da P. que eu amo, do nosso passeio a Moreira, da Bôa-Nova, dos nossos

banhos, em pelote, na ponte de Tavares. Que saudades eu tive! Aqui, em Coimbra, quasi chego a acreditar que não existem na Terra aquellas adoradas pessoas e estes deliciosos logares, de tal modo ellas e elles são transcendentes, ideiaes! Cheguei a duvidar da existencia do meu amigo Oceano tanto, como duvido da existencia de Deus. No entanto, assim fosse certo este morar no Infinito como é aquelle estar agora a bater nos penedos de Leixões... Mas... reparo —, nada te contei ainda das impressões que colhi, antehontem e hontem, neste valle de Sebentas. Na terça-feira, abriu-se a Universidade: na Salla dos Capellos eu vi e ouvi pessoas e coizas, que nem te conto para não massar o teu espirito. O tom de Edade Media que existe em tudo isto é tal que eu por momentos chego a crêr que o Dante escreveu o Inferno, o mez passado. Mas que Edade-Media! São estes tres seculos da Historia vestidos de pierrot, dançando, aos guinchos da charanga na Nave Central da Universidade... O trajo dos estudantes, bedeis, archeiros, lentes, é na verdade sympathico aos meus olhos, mas estas caras de Portugal são tam calinamente boçais, filho, tão rozalinamente [4] idiotas, que nada lhes pode ficar bem. Hontem, foi a abertura das aulas e, como sabes, é o dia-grande dos estupidos da Universidade: à Porta-Ferrea aglomerava-se uma multidão anciosa por canellas de novato. Ligeiramente trémulo, talvez pallido, mas sorrindo, eu passei, sob um pallio colorido de pastas, de todo inco-

lume, ouvindo apenas uns zumbidos dessas «abelhas-discipulas», e debaixo destas palavras altas: «E' Poeta! E' Poeta! E Reformador». O que segue a esta entrada, já tu sabes e, portanto, deixo-te em paz. Tenho sido, dizem-me, bastante notado pelos estudantes, e ha entre elles, espanto meu! ciumes de mim. Conservo-me, entretanto affastado de todo, a não ser na Universidade, onde me acotovelo com muitos «Capas e Batinas», um dos quaes ficou hontem indignado, disse-o elle, depois, ao Antonio Fogaça, meu companheiro, por eu lhe haver piado em resposta a um dito d'elle, «que se fôra quintanista as fitas da minha pasta seriam os trapos dum lençol onde a minha noiva houvesse pintado a bandeira ingleza». O pobre diabo encavacou, e, à tarde, na Baixa, commentava-se o meu desplante de moço. Muita coisa ainda podera contar-te, mas falta-me o papel e já me sinto cansado, porque estou a escrever-te aqui desde que vim de jantar. Tocou já a Cabra: bem vês que é noite. Os meus companheiros de casa são seis: quatro *minhotos*, não talvez pela natalidade, mas pela educação; um assim, assim, e outro extremamente fino e sympathico; é tam ideal, tam religiosamente mystico, que hontem pensei que o filhinho de Santa Thereza devia ser como este, se ella acaso houvesse realisado o seu desejo: — *faire de l'amour* com Jesus... E' D. F. de C., sabes? Para terminar, pois, com chave de oiro, vou abrir com chave do mesmo metal o cofre dos meus amores de Leça: Falla, coração: no

sabbado estive para me zangar com a P., porque ella não me appareceu e eu fui-me embora. Disse-me, depois, que não sabia que eu estava no Hotel. Perdoei. No domingo e segunda estive com ella, trocando as palavras do costume. Deu-me uns retratos, que eu amo como a ella propria. Na segunda, muito antes de partir, metti-lhe um anel no dedo. Talvez ella não goste d'elle, por ser exquisito; no entanto é o que ha de mais novo e original: Ninguem usa egual no meu paiz. Não sei se ella tem saudades de mim; eu confesso-te que tenho muitas d'ella e o meu maior desejo fôra que ella vestisse umas calcitas, uma batina, uma capa, pozesse na cabecita um gorro, e de livros debaixo do braço se assentasse a meu lado nas aulas da Universidade. P. disse-me que no sabbado, fallaria comtigo: dá-lhe, peço-te, muitas saudades. Adeus!

Abraça-te o teu

Antonio.

3

AO MESMO

Quinta — Manhã
25. Ouct. 1888

Penedo da Saudade
Coimbra

A demora da tua carta fazia-me já mal aos nervos: esperava-a anciosamente. Bem sei que não foi descuido teu porque a nossa combinação

assim o havia determinado. Levou cinco dias a chegar, e esses cinco dias mal sabes quanto me pareceram grandes. Suppondo que ella às vezes chegasse a Coimbra no comboyo que d'ahi parte de manhã, fui trez dias seguidos ao Correio Geral em procura d'ella ; e fui lá, porque a distribuição no Penedo da Saudade, e logares vizinhos é feita por correio rural e só uma vez por dia, — às 8 1/2 da manhã. Quando acordo, vejo por debaixo da porta os jornaes e cartas, se as ha. Já vês, pois, que deves ter o maior cuidado em fazer por que as tuas cartas sejam lançadas à caixa antes das cinco [5] horas capazes de seguir no comboyo da tarde. Tu que já uma vez experimentaste o que é estar longe dos queridos, deves bem acreditar na anciedade que ha por lêr cartas de pessoas que nos fallem do que a gente gosta. Sabes do que eu gosto tu, como ninguem. A tua carta, no entanto, só me consolou por ser tua. Vinha desconsolada como a minha foi. A doença da pobre Elizita, magoou-me, não como a um irmão, mas como a um amigo que realmente sou d'ella. Tam nova e tam resignada que ella é. Soffre. Por mim digo-te: — de tal modo me habituei já a soffrer que me sinto mal, quando não soffro. Não te parece que ha prazer em nos lembrarmos que somos — eu pelo menos, — vencidos da Vida. Ah, que infinitas mutações psychologicas não tenho experimentado, desde que o nosso Torreão aluiu lá para as bandas do mar. Neste momento, ao lembrar-me d'isto, — vê lá a minha comoção

— sinto um nó na garganta: tenho vontade de chorar. Porque eu sou muito infeliz. Quando me lembro, que diante de mim tenho cinco anos de estudo bacharelatico, animal, no meio d'esta gente que não me comprehenderá nunca, porque a minha educação tanto litteraria, como social é, — juro-te, — inteiramente differente da d'elles; — eu sinto um desanimo incomparavel. A Faculdade de Direito que eu ouvia ahi dizer que era a mais facil e menos trabalhosa, é — acredita, — o contrario de tudo isto. A Universidade, — é aqui voz geral —, resolveu tornar o Direito menos acessivel às cavalgaduras nacionaes, como até agora; de modo que levantou a bitola e, hoje, não é só o primeiro anno, — são todos contingentes, difficeis e trabalhosos. A cadeira de Philosophia do Direito tem, agora, mais Sociologia, que o tolo do Callisto [6] pronuncia Sóciólógia. Isto bole-me com os nervos, — enormemente. O Callisto é um tolo, sabes. Tem em casa um uniforme de lanceiros, com o qual se albarda para ir, às tardes, após o café, cuidar do jardim: e lá vai o tolo de espada em punho, decepando orelhas de hastes, cortando cabeças de lirios... Eu estudo, crê. Não ha remedio. Ultimamente, tenho sahido com o Vasco e o Misco Cezimbra. Ante-hontem fomos ao «Anda-a-roda» beber rhum [.....] Recolhi ao Penedo às $8^1/_2$. Hontem sahi, tambem. Depois de nos arrastarmos um pouco pela Sophia, fomos assentar-nos n'um d'aquelles bancos que ha em frente da Portagem. Aconteceu-me

sabes o quê? Vêr repentinamente, não sei como, não sei por que artes, uma *troupe* de seis, de todo embuçados; um d'elles saccar d'uma palmatoria e dar-me duas palmatoadas. Infantilidades de minhotos. Irritei-me, deveras; mas não o mostrei e deixei dar; irritei-me não por elles, mas por estar em meio de dois semi-putos, serenos, imperturbavelmente. A *troupe* havia-se formado na Sophia, por lá me verem. Este caso soube-se, logo, na Baixa, e vieram rapazes do segundo, quarto e quinto anno com os quaes fui à taberna dos Campos-Elysios e depois ainda ao Terreiro da Herva, e alguns depois até à Saudade. A's 9 1/2 estava em casa. Isto em vespera de feriado: já vez que não estroino. Os poetas de Coimbra estão furiozos uns com os outros: intrigas sobre intrigas. Têm uma alma mesquinha, a par d'uma inferioridade que os torna verdadeiramente sordidos. Exceptuo o Antonio Fogaça [7], que tem talento e alma. Mas sabes o motivo da furia? O teu Antonio. Cheguei e, sem eu fazer por isso, agitei as aguas dôces em que elles iam boiando, iam boiando e, agora, é que é vêl-os: furiozos, verdadeiramente furiozos. Mas apezar da furia, acredita que são dôces: se provasses as gotas que lhes caem da fronte verias que ellas não tem o sabor d'aquellas que o maré-cheia deixa ficar lá nos penedos de Mira-Mar... O Antonio Fogaça, um bom amigo, é quem me conta estas coisas. Hontem, elle e outro rapaz Antonio Homem, estavam de tal modo irritados, que a

princípio suppul-os bebados. Mas não: haviam estado com os poetas em lucta poetica, á meza do Luzitano, entre o cigarro e a cana... Mizerias coimbrãs. Não achas, hoje, a minha carta, monotona. Que queres? Assim estou, neste momento. Fumei muito cachimbo: tenho o espirito enfumado. Olha: na terça, às quatro e meia da tarde, parto de Coimbra; chego ao Porto às dez e meia e a Leça á meia-noite. Dize á P., como coisa tua, o dia e a hora em que chego. Estarei, portanto, em ferias quarta, quinta, sexta e tambem sabbado e domingo, se conseguirmos feriado n'este penultimo dia. Darei a falta, só no caso de não ser dia de repetição, porque se o fôr, como sabes, marcam-se em vez de uma trez faltas. Tenho pois, a pedir-te com o maior empenho, que expliques a psychologia á P., no Porto, se ella ahi está, ou em Leça no domingo, e depois que m'o mande dizer de modo que eu receba a carta o mais tardar na terça de manhã, porque, de tarde, parto. Bem sabes que d'esta vez tudo se vae decidir, e, assim, é-me necessário saber caminhar n'esta selva-escura do amor. Vá: sê tu o meu Virgilio: acompanha-me!

Adeus!

Abraça-te o teu

Antonio.

4

AO MESMO

Quinta — Tarde
8. Nov. 1888

Penedo da Saudade
Coimbra

Augusto:

Que dizer-te? A tua dor ha de ser tamanha que eu só peço a Deus que te dê uma coragem tam grande como ella. Sê forte [8]. Que pena eu tenho de ti! E's um infeliz. Mas eu sou-o tambem. Tem coragem, peço-to muito. Chora! As lagrimas são gotas de suor da alma: a tua alma está cansada de luctar. Quantos não luctam n'este mundo! Olha que só os infelizes são grandes. Melancólico, hontem, ao levantar-me da cama ia estudar, porque na vespera não o podera fazer, quando ao abrir a «Provincia», saltou a meus olhos a Nova-Má. Coincidencia magna: o meu espirito estava na Boa-Nova. Não pude estudar, nem chorar. Arrefeci. A' porta da aula pedi dispensa ao Lente e finda ella mandei expedir-te um telegrama. Por esse despacho que vês, saberás que elle está em depósito no Telegrapho. Quero saber noticias tuas: manda-m'as. Os teus amigos d'ahi consolar-te-hão de perto: eu fico de longe, a lamentar-te. Mais uma vez te digo: sê forte. Olha que eu já passei por uma catastrophe

semelhante, e o tempo, que é o esquecimento mascarado, deu-me o braço e fez-me distrair, passeando comigo pelo salão n'este baile de mascaras da vida. Espera, portanto; que os annos são a therapeuthica das maguas.

Adeus.

Abraça-te o

Antonio.

5

AO MESMO

Sexta — Tarde
22. 11. 1888

Penedo da Saudade
Coimbra

Augusto:

Bem sei que o dia 18 já lá vai e que com elle não foi carta minha. Não por culpa minha, crê, mas por culpa dos meus cuidados. O meu pobre amigo Antonio Fogaça está perdido. Imagina lá: primeiro um typho, depois uma congestão pulmonar e agora uma pericardite. Quem pode resistir a estas trez junctas! Tenho pena que não o conhecesses; estimal-o-hias, certamente. Era elle o unico espirito claro e guiador que poderia alumiar a minha estrada de bacharel. Na caza d'elle, à Couraça de Lisbôa, passo eu todo o tempo disponivel, mas talvez não o passe lá

mais, porque esperanças de Vida não as há de 48 horas. Emquanto a mim não sei que te dizer. Habituei-me a *Isto* e vou passando conforme Jesus o quer. Continúo a ser esperado por troupes, continúo a *andar à corda,* continúo, mais do que nunca, a ser um triste sem esperanças de alegria... [9] E como vaes tu? Tens podido esquecer a tua dor? Faze por isso. Deixa dizer-te: a Estudantada de cá vae ahi fazer-vos uma vizita. Vae «em forma», quer dizer officialmente, porque leva credenciaes do Reitor da Universidade, para o Director da Escóla [10]. Eu vou, de certo, e se fôr, para dizer versos. Não chega ahi, como disseram jornaes, em 1 de Dezembro mas sim na noite, regressando a terras de Coimbra a 10. Adeus! E' noite já.

Abraça-te o teu amigo

Antonio.

6

AO SR. DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Domingo — *Casa do Seixo*
23-6-1889 — *Villa Meã*

Minha querida velhinha,

Venho da cama. Mas, antes de almoçar, para fazer o appetite, que Anto tome uma gotta de *Vermouth* de cavaco ligeiro.

Pois cá vou indo, nem bem, nem mal, tendo por unico companheiro o sobrinho authentico do Sr. Abbade e por unico exercicio de linguagem a palestra anedoctica e sã d'este valente homem, mais Padre de perdizes, do que Ministro de Deus, e em cujas auriculas prodigiosas marulham em continua preamar os globulos rubros dos Serpas, — do Marco.

Hontém, deu-me elle azo a que a Universidade fôsse, mais uma vez, cantada e celebrada, — pois me preguntou, perante umas tres moleculas da freguezia, em demanda de «certidão Agua-Circassiana» — qual o gráu em que estava, por Direito Canonico, tio para sobrinho: eu disse, ainda reminiscensiado do meu ponto, a Egreja tomou nota e as moleculas, á sahida, chamaram-me douctor... ou Seixo, ou Agueda, não é assim Toy? " Ainda não lhe escrevi, sabe? Mas escrever-lhe-hei, porventura, ámanhã, dia de foguetes, vinho e cavacas, banbolins de murta, dia de almanack, cheio de alegria saloia, porque, desejando eu protestar contra o necrologio que Toy fez á Morte da minha Alegria, — é necessario que a carta vá influenciada pelo foguete. Quero fingir, assim, que lhe provo que, com a ajuda de Deus e das flôres, tenho ido cicatrisando, a pouco e pouco, o fundo golpe que o Pedro e o resto da quadrilha me víbraram, de alto a baixo, nas mattas escuras do 1.º anno jurídico... Agostinhas, não imagina as proporções mythicas que aqui, n'estes 20^{mq} de planeta, longe

da sebenta, mais longe ainda da Cabra, — tomam o Osorias, o Porphyrio, a Marianna, o sr. Almeida, o Lombo, o urso Botelho e o Lino! E o Misco [12], lembra-se d'elle? — outro mytho.

Essa transcendente creatura, a quem o Toy, alto como o Pedro, bamboleando o braço embatinado em cheviote, cumprimentava, dando-lhe a Excellencia e o Dom, e que, depois de elle se ir embora, me dizia, seguindo Misco — lirio feito, anjo —, com um olhar tão sincero, tão bom, tão humano, como o d'aquelles bois que, acolá, andam a puxar ao arado: — «Coitadinho do Misquinho!...»

Que deliciosas e amargas impressões!

O coração anda-me, cá dentro, às cambalhotas, como em dias de mar bravo, uma lancha da Povoa!

E eu sinto-me nostalgico, com uma infinita vontade de me ver cercado d'aquelles de quem eu gosto e que gostam de mim, mandar apparelhar cavallos, e com uma pontinha de febre artistica no corpo e na alma partir ao longo de estradas, não sei para onde. Será isto uma romantite? Não sei. Mas o que é certo é que na minha cabeça, — porque lá está *legalmente* collocada a Subfaculdade da Memoria, — se acham tambem archivadas todas as boas e más recordações da minha vida: e é para mim delicioso, em horas interminaveis de *spleen,* consultar de *lorgnette,* mas sem rapé, todos esses «in-folios» do passado, — qual novo Conselheiro Viale d'essa Torre do Tombo!...

E todas essas recordações, vistas a distancia, atravez da *lorgnette* pombalina da saudade, avultam extraordinariamente, modificando-se-lhe as feições, tomando novos e bizarros aspectos: de modo que, a não ser por artimanha demoniaca da luneta do sceptico Marquez, — o Lino, — (que tratante!) — parece a meus olhos uma alma excellentissima; e o Lombo, — [...] —, tenta-me de longe, ó luxuria coimbrã! como um pecego civil de aparta!

Illusões dos meus cansados olhos, por certo, pois, reflectindo, o Lino não é mais do que o eterno perseguido do Bedel Evangelista e o Lombo, — fosse eu embora um diligente pae de familia — não o recolheria jamais, para uso...

Meio dia. Agostinhas, vou almoçar, — que para o Sr. Abbade é jantar —, e em seguida acompanhado pelo sobrinho, irei, montado n'uma ingenua mula ecclesiastica, vizitar os Fidalgos de Villa Bôa, — «cata-soes» authenticos d'estes arredores.

Quem são elles, d'onde viéram?

Não posso, como quizera, explicar.

Da politica do sr. D. Miguel, elles vivem duas leguas d'aqui, n'um palacio extraordinario, cuja construcção, em eras já passadas, foi interrompida por El-Rey, seu Amo e Senhor, não consentir que houvesse, em solo portuguez, moradia superior á d'elle. Não sei quê Do Albuquerque e Amaral eis, Agostinhas, o nome dos Fidalgos, e a um dos Albuquerques, Thomaz, poeta e cavalheiro, dedicou o poema D. Jayme.

Ha nesse palacio uma creatura finissima, que pela primeira e ultima vez, vi em Leça, ha uns dez annos: só me lembro das mãos d'ella, tão aceiadas, tão finas, tão brancas! Adeus, Agostinhas!

Quer alguma coisa para palacio?

E que quizesse..... Primeiro eu: até me ir, n'estes sete dias, farei em torno dos Villa Bôas uma côrte á Luiz xv..... Lá vou, hoje, trovadôr, cavalheiro e namorado, depôr um beijo heraldico na ponta dos dedinhos da fidalga.....

O' Agostinhas!... Ao Trio-Brümmel, Albertinho, De Montalvão-Henriques abraços fortes, e mande-me as suas cartinhas que serão para o meu cansado espirito como que beijos atirados de longe. Vinde, ó deliciosos beijos-postaes! Um abraço de aço do seu amigo muito amigo

Anto.

7

AO MESMO

Domingo
30. 6. 1889

Casa do Seixo
Villa-Meã

Meu Agostinhas,

O beijo-postal chegou tão tarde que foi realmente com indifferença que o recebi. Mas essa indifferença estacou de repente, quando a meus

olhos saltou negro, como os seus, o ultimo período da carta. Infeliz! Ah, querido amigo, se alguem, um dia, me perguntasse qual era o primeiro infeliz de Portugal, eu responderia, «victorhugando o cazo», — O segundo é Agostinhas... Enfim, eu saberei, logo, qual foi o corvo que ennoiteceu com sua aza de treva o céu azul-oiro da alma de Agostinhas, e, talvez, eu consiga, se isso é possível, que a aza do corvo se transforme n'uma aza de andorinha, que, à laia d'um leque, affaste para longe as nuvens negras d'essa impenetravel noite... Creança! Estou a escrever-lhe, n'uma situação interessantissima, extraordinaria, phantastica. Bateu já a meia-noite, — hora amiga de Hamlet —, e, emquanto borboletas Osorias esvoaçam trémulas á volta de mim, poisando ora no papel, ora na ponta do meu nariz, — no andar inferior da minha caza, diverte-se o povo ingenuo d'esta freguezia, na reprezentação de um *entremez*, cujo ensaiador foi o sobrinho do Sr Abbade. Uma palavra só: phantastico! Improvizaram um palco n'uma sala *rez-chassée* [*sic*], que no resto do anno é o theatro das afflicções do meu cazeiro, cuja mulher e filhas trabalham na feitura de mortalhas de milho, que mais tarde um paquete ligeiro conduz aos mercados do Brazil.

Ora, em cima d'esse palco, saloias vermelhas e castas representam de heroes romanticos, tentando explicár ás saloias que o «Homem põe e Deus dispõe». Um lampeão de azeite figura de *veilleuse*, em camara elegante, o que me traz

á lembrança a epocha de Shakspeare, em que uma lanterna de latão era a lua pallida, allumiando Romeu, batendo em cheio na varanda de Julieta... O Seixo de hoje é a Londres de ha trez seculos, e o Shakspeare? O meu cazeiro José. Adeus. Até logo, Agostinhas. Abraços ao trio.

Todo seu

Anto.

P. S. — Chego ás 5½ da tarde. Depois de chegar a casa, depois de vestido e prompto, procural-o hei ás 8 no Camanho.

8

A ALFREDO DE CAMPOS

Sexta feira
25, IV.º 1890

8, Becco da Carqueja
Coimbra.

Alfred,

Só hoje encontro disposição de nervos e espirito para encetar aquelles cavacos postaes que, ha bem mais de quinze dias, haviamos combinado, lembras-te? em um «vis-à-vis» de pessimismo, por entre goles japonezes dum chá-preto deli-

cioso. Isto foi no teu amado «Club de Leça». E n'este momento essa recordação suggere-me, deliciosa hypnotisadora —, toda Leça, com o seu Oceano Atlantico, Mira-Mar, Ponte de Tavares, Bôa Nova, e Mr. Alfred, entre omoplatas e fémurs, thebaïando, (feliz João Semana), na sua linda cazinha branca, logo adiante da Fonte da Amoroza, à direita, quem vae... Nunca me appeteceu tanto Leça, — ar puro, Paz, Mar, — nunca invejei ninguem como te invejo a ti: na tua alcova azul, todas as manhãs-cedo, varrida lado a lado pelo Oxigenio, — o mais sollicito de Josephs, — olhando da janella (que dá para a Estrada de Parafita), com esses teus olhos prespicazes e pequeninos de medico, toda uma paysagem verde de pinheiros, que não ha aqui, ou tendo a impressão loira de Charlotte, que passa na Estrada, entre os dois «babies», monologando o celebre e celebre: — «Maunteiiiga»... — depois, à hora do jantar, com o appetite singular dos estomagos moços, enquanto, comendo, dás saude ao corpo, — palestras com o Sr. Silva para dares saude à alma. Oh! a palestra dos Simples... Decididamente, tu és feliz. O que pensarás tu da minha vida por cá, d'esta tão celebrada vida coimbrã, que a Legenda tanto exagera, a ponto de muitos mocinhos virem para estas margens do Mondego, mais pelo prestigio d'ella, do que pelo da carta de doutor? Pensarás, e pensas recto, que esta vida é uma massada, se tantas são as saudações que faço à tua. Coimbra sonhada a distancia,

vista por entre a gaze da legenda, é porventura deliciosa, pelo que tem de estranho e bizarro, como de resto o são muitas coisas, vistas e sonhadas d'aquella maneira; — entretanto observada, experimentada, apalpada, como o é todos os dias por nós só deixa, — quando à noite vamos dormir —, uma impressão de tedio immenso, que só nos claustros do Somno, em passeio com as Recordações, podemos esquecer. Quanto a mim, Alberto [14] e alguns mais: outros há (e são esses que espalham a Legenda pelas provincias) — para os quaes Coimbra é a terra melhor, a Rainha das Cidades. De mais o andar-dos-annos, civilizando-a, a pouco e pouco, tirou-lhe o que ella tinha de selvagem, porventura o seu pittoresco: já tem o seu caminho-de-ferro, illuminação a gaz, republicanos etc. etc. enfim não é, hoje, a antiga Athenas Luzitana, impenetravel entre os pinhais da Beira, em que o novato, oito dias antes da abertura da Universidade, partia aterrado e receioso, montado n'uma cavalgadura, pernoitando em estolagens, só, aos cuidados d'um almocreve. Assim aconteceu a Garrett. E, alguns lustres depois, a geração do Eça, do Junqueiro, teve ainda, ao menos para passar as noites, a celebrada taberna das Camêlas: mas as tias Camêlas morreram e só ficou a camelice... Entretanto deixa-me dizer: a banalidade houve-a sempre, — ha um seculo, ha alguns lustres, hoje. A *élite* das differentes gerações, que por aqui vão passando, só ella se destaca e como algumas hão sido illustres: d'ahi

o erro extraordinario de imaginar-se as academias coimbrãs do passado superiores às de agora. Não, foram o mesmo. O que não é presente, passado, ou futuro seduz-nos sempre: de resto a vida foi e ha de ser sempre egual. Se houvesse ao menos, por estes arredores alguns kilometros de costa-de-mar, onde podesse navegar os olhos; alguma poça de agua salgada, onde todas as manhãs o Joseph, enchesse um pucaro para a minha toilette de bôca: mas não, não ha nada d'isso. Apenas, o Mondego lá em baixo, o «lymphatico Mondego», como me dizia, ha uns mezes, o Junqueiro, onde a Academia manda buscar agua para beber e lavar os pés... Quando vens tu cá? Ancioso que venhas. Moro, já sabes, no Becco da Carqueja: becco celebre, a que se refere, na sua «Historia de Portugal», o Oliveira Martins. Aqui, n'uma caza visinha, (n'esta quem sabe?) houve uma associação secreta composta de estudantes e conhecida popularmente pelo «Bando da Carqueja», cujos fins, além de politicos, olhavam a guerrear os Lentes e aquella Universidade: d'ahi a referencia do elegante historiador. Dois passos acima de minha caza, existe uma das melhores coisas de Coimbra, a Sé Velha: é uma explendida egreja, estylo moirisco, que eu tanto desejaria transportar para a Bôa-Nova, fazendo d'ella o tão celebrado Torreão. Mobilada, segundo a epocha da sua architectura, não achas que seria uma verdadeira «Sé de Anto»? Lord Byron, quando passou em

Coimbra, definiu-a n'um verso delicioso: «Half church of God, half castle of Moors!» Uma egreja bizarra. Eu com este pormenor litterario me despeço de ti, «até-breve»: espero que sejas présto em tua resposta, procurando, vê lá! retemperar o meu espirito com epistola hygienica. Massadissimo que estou: meu livro, aulas, pó dos Geraes, lentes... Ai!

Adeus. Boas-noites. O teu amigo

Antonio.

9

AO MESMO

Sabbado
3, V, 1890

8, Bêcco da Carqueja
Coimbra.

Alfred:

Conto acabar de lêr esta noite um livro, que te aconselho, porque me fez muito bem. «Notes sur l'Angleterre», do Taine. Tenho sempre alegria, quando encontro um alto Espirito da opinião do meu: ora o Taine, a não ser n'um ou n'outro ponto, em que o amor da Raça o leva a preferir os Latinos, — defende, louva, extasia-se diante d'essa estranha Raça Angla, que, segundo dizem os periódicos, e o confirma a Havas, nos fez

muito mal e continuará, mas que eu lhe perdôo pois que admitto e proclamo o «struggle for life» das Nações. O melhor organismo da Europa, a Inglaterra. Há já uns mezes, encontrei outro Espirito da minha opinião. O Bourget, nos «Etudes et portraits», tem um capitulo, «Sensations d'Oxford», tão bem feito, tão sincero, tão profundamente emocionado que appetece cobril-o de beijos, abraça-lo, noivar com elle... Aquella vida ingleza tão recta, originalissima, que faz corpos como o de Apollo, e fez o maior poeta do Mundo, como é differente da que leva ha um punhado de seculos, a Nossa Senhora Raça Latina, fazendo *blagues*, comendo *macarroni*, correndo *los toros*,... copiando *tudo isto!* Lê o Taine. Ficas encantado com aquelle paiz: — com a sua ordem e aceio, com os seus lares, com as suas Universidades. O unico paiz que tem a Linha. Ninguem, lá, é gôche, nenhum anglo sua: d'ahi o singular dominio que mesmo sobre altas creaturas exerce, um simples «squire», com o seu collar de neve, ou um «shake-hands» da sua mão aceiada. Nunca observaste, em Leça, a colonia mediocre da grande Ilha-Fria. Não achas n'esses simples comerciantes, muitos d'elles estupidos, por certo, e más-Almas, talvez — um Ar, um quê differente dos nossos compatriotas, sempre de côco, ainda com a poeira do «americano», fazendo má figura na Agua, à hora do banho, não tendo firmeza nos pés com que andam, não alevantando mais a cabeça, como quem amargamente scisma que já

não é quem foi?... Oh! a Renascença... E quando, ha pouco, por causa dos Makololos, o velho Portugal todo elle estremeceu electricamente, de Norte a Sul, como se com as suas mãos ambas — uma em Melgaço, — outra no Cabo de S.ta Maria estivesse agarrando nos reophoros de uma pilha monstruosa de Bunsen: — [15].

10

AO SR. DR. AUGUSTO NOBRE [16]

(BILHETE POSTAL)

Quinta feira
12-V-1892

N.º 21-rue Valette
Paris

Augusto, não é nos Italianos, mas sim na Avenida da Opera que ha a caza turca. Lá fui, hoje. Ha-as de varias côres desde o branco até ao doentio amarello. As mais lindas são as brancas e as escarlates. Todas são bordadas a prata, ou ouro, como se quizér. Acho-as interessantes pela originalidade, pois que, á primeira vista, a impressão não é de epatar. Quem, porém, se lembrar que, aquilo é turco, e por isso bizarro, original, dar-lhe ha muito valor. Não posso dar mais esclarecimentos. São lindas, emfim: é uma prenda

original e de bom effeito. Custa cada par, seja qual fôr, 10 fs. Querendo, manda já a «galette» e a medida à peu près.

Como estou sem sou (lá vão os ultimos dois sous) não escrevo carta nem me alargo mais. Espero o resto da mezada. O Alberto deve ir ahi domingo fallar comtigo sobre o modo de me fazer enviar até 31 o dinheiro para fechar matricula, que, desde já te digo, é valente. Tenho a mais este anno o diploma de bacharel que se paga desde já, com os direitos do exame.

Lembranças a todos.

Teu irmão

Antonio.

11

A SEU PAI

Quinta feira
16-VI-1892

21-rue Valette
Pariz

Papá,

Como ante-hontem disse ao Papá, agora vejo-me muito occupado com as aulas e o meu estudo e, por isso, tenho sido e continuarei a ser até aos actos menos assiduo na minha correspondencia.

O Augusto respondia geralmente ás cartas que eu enviava no começo ao Papá, de modo que com o habito fui escrevendo a elle, em vez de escrever ao Papá. Ha cerca d'um mez que trato da minha saude, pois sentia-me ultimamente muito abatido e amigos meus aconselharam-me a ir ao medico. O medico examinou-me bem e felizmente não me achou orgão algum atacado. Em compensação disse que eu tinha uma anemia, de que precizava tratar-me. Tomei e tomo ainda pilulas de ferro e vinho de Delalonëe que me tem feito algum bem. Tambem estava mal da garganta e, por isso, me receitou pulverizações com «Eaux-bonnes». [.....]

Espero que o Papá passe bem de saude, pelo menos são essas as noticias que tenho. Estão a chegar as Caldas: o Papá deve partir em quanto antes para aproveitar: quantos mais banhos melhor.

Juntamente escrevo ao Augusto a proposito d'uma encommenda de indicações que me pediu sobre amianto.

Peço lembranças para todos e deseja-lhe boa saude seu filho obediente

Antonio.

12

AO SR. DR. AUGUSTO NOBRE

(BILHETE POSTAL)

Terça feira
28. III. 1893

Gare do Rocio
Lisboa

Augusto

Parto amanhã. Demoro em Coimbra algumas horas para tratar com um editor a venda dum novo livro e sigo no comboyo seguinte. Conto estar no Porto dentro em breve, portanto. Como o comboyo está a partir, — nada mais. Saudades a todos.

Teu irmão

Antonio.

13

A D. MARIA JÚLIA FERREIRA NOBRE [17]

Sexta-feira
2. VI. 1893.

Hotel Mondego
Coimbra

Maria,

Ha muito que ando para lhe escrever, confiando em que é sempre agradavel a uma «jeune mariée» ouvir contar histórias de noivos e de

amores. Eu não sou noivo, mas sou namorado, — que é a ante-camara d'aquella alcova. E não era só para d'isso lhe contar. E' que eu tenho aqui uma boa amiga que o é também da Maria Julia: é a Senhora D. Arminda Cerdeira, de Lamego, irmã do meu amigo, o Doutor Quim Martins, futuro lente, s'il plait à Dieu, de Medicina. A Senhora D. Arminda tem-me fallado muito da Maria Julia e de todos os seus.

E tambem dos seus amores a mail-o Augusto. — «Ai muito tempo durou aquelle namoro» dizia ella.

Aquella Senhora D. Arminda é amiga da minha namorada que por nome tem: Margaridinha de Lucena. Mas já a conhecia do «Só», não é verdade: «que tem o nome da mais linda flôr dos campos». E' filha d'um engenheiro, irmã d'um engenheiro e namorada tambem d'um «engenheiro... de ideaes»: uma familia de engenheiros, como vê. Talvez vão este anno para a Foz, e então terei o prazer de lh'a apresentar.

E' lindissima, alta como eu e absolutamente superior. Tem 16 annos, mas todo o seu Ar é de 18: é uma mulherzinha feita.

Tem havido immensos dramas por cá: tudo ahi lhe contarei miudamente e a minha demora tem só isso por motivo.

Conto partir 4.ª. Tenho-me esquecido um pouco, é verdade, dos meus, do meu lar de Carreiros, mas não somos todos assim? E já a Biblia o sanccionava: «por tua mulher deixarás teu Pae e tua Mãe».

E, deixando este assumpto, para a Foz, dou-lhe os meus parabens pela Maria Julia e Augusto: temos o Augusto «académicien» o que não é nada mau. Já quiz dar noticia na «Gazeta», mas, discretamente, preferi esperar a decizão official.

E quanto à vida d'elle, oxalá tudo consiga agora: desejo muito vel-os alegres, felizes. Eu por mim habituado já á Dôr, não me importo muito com a Felicidade.

Ahi lhe direi uns versos sobre este assumpto.

O Manuel da Silva Gayo anda escrevendo uma larga obra «Os Novos» onde, me disse, dedicará um estudo especial ao Augusto, pois que a obra se occupa tambem da critica de escriptores scientificos.

Fallei-lhe muito sobre os trabalhos do Augusto e elle terá nesse estudo, como é desejo d'elle e meu, o 1.º logar dos novos da sua especialidade.

Depois lhe contarei mais. Que o Papá nada saiba, peço-lhe, d'estas confidencias.

Peço muitos abraços para elle e que como vou breve lá responder-lhe-hei á carta.

Lembranças ao Augusto. Sou seu amigo dedicado, e muito agradecido

Antonio

14

A SEU PAI

Domingo
20. VII. 1893

53-2.º rua da Cruz da Carreira
Lisboa

Papá,

Cheguei, ha uns dias, e se ainda não escrevi o motivo é não ter arranjado a installação que eu desejava. Estou em companhia d'um amigo meu, em caza particular, e vivendo na maior economia. Talvez precize de sahir de Lisboa por algum tempo, mas ainda não sei definitivamente: quer saia, quer não, o Papá pode escrever-me sempre para aqui, que o meu amigo se encarrega de fazer seguir as cartas para onde eu me achar. Lisboa está quazi inhabitavel: um calor horrivel. Devo dizer ao Papá que com a pressa não pude ir pagar à pharmacia: logo que venha a conta faça favor de m'a remetter para eu enviar o que fôr. O medico não aceitou, apezar de 3 vezes insistir. Porfim como eu ainda continuava a insistir disse a rir — «Lá lh'a mandarei p'ra Foz». Foi para se ver livre das minhas instancias, que elle não acceita, — contudo se a enviar queira tambem remetter-m'a para eu a pagar. Estou bem de saude, embora tenha ainda todos os resguardos: todas as manhãs acordo com a garganta inflamada. Espero que esta ainda vá encontrar o

Papá, na Foz, — e tambem espero que me dê parte da sua partida para o Seixo, bem como do estado do sua saude. Quanto a mim esteja o Papá tranquillo. Poupo o mais que posso, vivo como Jezus pobrezinho e com pobres, — bem sei que nada mais tenho! E de cá não parto sem ver definida a minha situação. O que desejo agora é a sua tranquillidade para minha tambem. Peço lembranças para todos. Abraça-o o seu filho muito amigo

Antonio.

Adresse: Antonio Nobre (Em caza do Sr. João do Rocha) — 53-2.º rua da Cruz da Carreira — Lisboa.

15

A D. MARIA JÚLIA FERREIRA NOBRE

Segunda-feira
14. VIII. 1893

21. rua da Saudade
Figueira da Foz

Maria Julia,

Estava realmente admirado do silencio tamanho do Papá e imaginava que, por qualquer scisma, se houvesse zangado commigo, — tal é o meu delirio de perseguição. Tinha escripto a um dos meus amigos para dar-me noticias d'elle,

pois que me inquietava tão longa auzencia de noticias da nossa caza. Ainda bem que pela carta de Maria Julia vejo que os motivos fôram outros e, como nunca poderia suppor de si o contrario, de todo o ponto justos. Alegro-me por ver que o Papá se dá bem no Seixo e gosta de ahi estar — e surprehendeu-me saber que fizera a jornada tão bem e tão feliz, quando ha dois annos para seguir até Vizella sabe Deus os cuidados que me deu a mim, seu companheiro de viagem. Como vê pelo alto da minha carta, estou aqui e ha algum tempo, onde vim trazer a Margarida [18] a amabilidade do seu prato. Ella gostou muito, muito. A lembrança é, na verdade, encantadora, — e o que mais a enleva é a sua explicação do fundo (que era negro) e agora se vae annuveando. Todo o dia com ella, mail-a Mamã e a senhora D. Arminda Cerdeira. Imagina quanto fui feliz. Mas o peior é que no dia 20 volto para a Cruz da Carreira. *Cruz da Carreira,* note bem: sim, é d'alli que sairá o meu futuro, que, agora, vou rezolver. Tambem conheci e por cá ando com a Mãe do Arão de Lacerda, senhora D. Candida do Quental, viuva do Filippe. Fallou-me no Augusto, que ella conhece. E é meu companheiro de caza um dos membros da Piscicultura, que tambem o conhece: Dr. Manuel Barata e com o qual tenho conversado sobre esse e outros assumptos. Diz-me elle que isso da Piscicultura está rezolvido, mas nada mais de particular soube. Talvez seja melhor occultar ao Papá que eu vim aqui, para

não o affligir. E peço-lhe lhe diga que d'aqui a algum tempo lhe escreverei directamente, embora, hoje, o faça por intermedio da Maria Julia. Mais peço um abraço para elle. E muitas saudades a todos, não esquecendo as aguas e flores do Seixo.

Um aperto de mão do seu muito dedicado

Antonio.

16

A MESMA

Sabbado
25. VIII. 1893

21. rua da Saudade
Figueira da Foz

Maria Julia,

Venho preguntar-lhe se recebeu uma longa carta que, ha alguns dias, lhe escrevi para o Seixo e tambem se o Augusto recebeu um cartão postal que, dias depois, lhe dirigi, agradecendo-lhe os seus parabens pelos meus annos e bem assim pedindo esclarecimentos sobre uma carta vinda para mim de Pariz e que não me chegou ás mãos. Não recebi resposta alguma sobre este ultimo assumpto e, por isso, estou inquieto pela sorte da carta e do bilhete. Puz apenas no enveloppe: Casa do Seixo — Villa Meã. Não seria sufficiente? Corrigindo, porei d'ora avante, a mais: Correio de Santa Cruz. Peço-lhe a fineza de responder-me, amanhã, mesmo, para minha tranquilidade, 52-3.º rua da Cruz da Carreira.

Lisboa, para onde volto hoje. Na carta que lhe enviei fallava-lhe muito d'aqui, dos dias que passei n'esta praia em companhia de quem sabe. Vim cá trazer-lhe o prato de que ella gostou muito. Do Alberto nada sei. Conto regressar de Lisboa ao Seixo em começos de setembro. Lembranças a todos e um abraço para o Papá. Do seu muito dedicado

Antonio.

P. S. — Soube já que a carta de Pariz chegou a Lisboa e o extravio foi de lá para aqui. O que desejaria muito saber era os dizeres do subscripto, a adresse que trazia, etc, para ver se adivinho de quem era. Escrevo á Maria Julia porque confio mais na sua sollicitude e pontualidade. Pois não são tamanhos os dias n'essa Thebaida?

17

AO SR. DR. AUGUSTO NOBRE

Segunda-feira *Mathosinhos*
25. IX. 1893

Augusto,

Cheguei bem, hontem á noite, e estou em Mathosinhos: ainda não sei se passarei para caza do Ed. de Soiza [19], ou se continuarei no hotel, onde desci.

Na duvida, peço-te me escrevas para Posta-Restante. Se não te custar a ti, ou á Maria

Julia, pedia-vos me enviassem amiudadas vezes em rapidos bilhetes postais noticias do Papá por quem estou muito inquieto. O Campos disse-me a erysipela não ser grave, — e que o incommodo das urinas se podia attenuar com fricções de belladona: pódes fallar n'isso ao V. Pinto.

Mando-te o dinheiro amanhã: não pude ir hoje ao Porto. Creio que um dia a mais não te fará differença de maior. Escrevo-te apressadamente: vou enviar esta por um conductor do americano para deitar no Marco da Praça.

D'aqui já não vai a tempo. Adeus. Até amanhã. Recados á Maria Julia e um abraço ao Papá.

Teu irmão

Antonio

18

AO MESMO

Quarta-feira *Mathosinhos*
4. X. 1893

Augusto,

Li a tua carta de hoje e fiquei muito incommodado: o que me dizes do Papá era para eu partir para ahi, mas só no sabbado o poderei fazer, se as noticias que te peço me dês, na volta do correio, não fôrem mais tranquillizadoras. Mais socegado pelas tuas noticias anteriores, tencionava partir n'aquelle dia para Lisboa, d'onde depois iria ao Seixo despedir-me do Papá, —

agora com tua carta de ha pouco não sei que fazer. Tenho a cabeça doente. E, antes de sabbado, não me é possivel sahir de cá: sahirei, comtudo, haja o que houver, na 6.ª (dia em que devo receber resposta) embora seja por horas. Sem falta escreve-me àmanhã, que eu estou inquietissimo.

Contava ter já partido na semana passada para Lisboa, mas fui forçado a addiar por motivos justos.

Adeus. Lembranças á Maria Julia. E um abraço para o Papá, se elle ainda o pode comprehender.

Teu irmão

Antonio.

19

AO MESMO

Sexta feira, Outubro [6-X-1893] — *Hotel Continental*

Augusto,

Acabo de receber a gravata da bôa Maria Julia, o que lhe agradeço. Infelizmente aínda não posso uzal-a, pois tràgo a jersey e a mala ficou no Seixo.

Muito agradecido á Maria da Gloria [20] pelos seus amaveis offerecimentos.

Não devia extranhar o eu não ir para sua casa, bem sabes que na minha situação não me era permittido fazel-o sem convite e eu não o tive. Não tenho fato, nem coiza alguma, de modo que

a ninguem quero apparecer; aqui, eu vol-o affirmo, ninguem ainda me viu nem verá, que eu bem comprehendo quanto isso pareceria mal.

Escolhi um hotel modesto, onde só passam desconhecidos. Almocei e deitei-me vestido. Não jànto porque não tenho appetite e não sairei do quarto se não à noite, onde ás escondidas irei até à Trindade assistir do côro aos responsos do pobre Papá.

Desejava muito encontràr-te lá, estou muito triste como nunca me vi e desanimado com a nossa desgraça. E amanhã, cedo, partirei para o Seixo, onde ao menos ninguem me verá.

Adeus. Abraça-te teu irmão

Antonio.

20

AO MESMO

Quinta feira — *18, rue de la Sorbonne*
16-XI-1893 — *Pariz*

Augusto,

Ainda a esta hora não estou certo de que hajas recebido meu telegramma do Havre, noticiando a minha chegada, sabbado, 11. Pois que, hontem, à noite recebi um avizo do telegrapho a dizer-me que outro telegramma de 13 (que te indicava a minha adresse em Pariz) não te havia sido entre-

gue, por te achares auzente. Auzente? Mas então todos estão auzentes? Até a criada? Não póde ser. Certamente os boletineiros (que não são os carteiros) habituados a deixarem os telegrammas no numero 26 e não te vendo lá concluiram que ainda não havias voltado. Já vês que a tua adresse como ia n'este é insufficiente e quem sabe se meu tão longo silencio não tem a esta hora acordado sustos. Susto horrivel tive eu no mar. Foi uma verdadeira tempestade, surpreza para a propria tripulação. Eram os Traz-os-Montes em agua. Soffri immenso e como nunca. Envelheci alguns annos. Todo o tecido que com o auxilio do Atlantico, vinho verde e céu azul eu conseguira reunir para excellente pelissa dos meus ossos para este frio de 0°, — lá se foi, lá se foi e para não mais voltar. Ao descer no Havre, — era um desenterrado. Quizemos arribar, mas não podiamos. Rezignação, enfim. E de mais enjoei d'esta vez. Quazi nem comia. Maldito «S^t. Jacques»! Mar, — nunca mais. De modo que em vez de chegarmos 3.ª feira, sabbado apenas descemos em terra. Telegraphei-te, logo. Em Pariz, encontrei duas cartas tuas, sendo uma registada.

[.....]

Fiz expedir-te os livros que o Baillière tinha, encarregando-se elle dos restantes. Recebeste-os? Fôram registrados. Ahi tudo tão pobre e esta França cada vez mais rica! Deus queira que o Ed. Prado[21] chegue que eu te juro que não é o Antonio quem não arranja a sua vida. Quando

virá elle? O Brazil vae melhor?[22] Não me falles mais em economias, que nem isso posso ouvir. Mais do que aquillo que poupo é impossível. E mesmo assim passo privações, podes crêr,—e das mais dolorozas. Peço vás ao «Janeiro» dizer que me remettam o jornal segundo o adresse acima.

Adeus. Muitas lembranças ás Marias.

Teu irmão

Antonio.

P. S.—A tempestade foi o melhor empenho para a Secretaria: não houve a menor objecção à minha matricula[23].

Poderei escrever á Maria da Gloria?

21

AO MESMO

Domingo,
19-XI-1893

18, rue de la Sorbonne
Pariz

Envio-te, juntamente, e registrado o meu diploma de bacharel e isto por dois motivos: primeiro, não tenho onde o guardar com segurança e a Universidade outro não dá; depois desejo-o mostrar ás pessoas de família, que, á semelhança de S. Thomé, precizam ver para crêr.

[. . . . . .]

Hoje dizes-me que o Ag. de Campos parte para Hamburgo. Vae de passeio, ou collocar-se lá?

[. . . . . .]

A Maria está melhor? Fiquei surprehendido, pois, segundo o costume esperava fôsse em Dezembro. Ha dias, estava pensando n'isso e concluia um rapaz, e foi uma rapariga. Ainda não vi o Campos. Fôste já ao «Janeiro»? Estou anciozo. Os livros (2) seguiram — Recebeste-os? Os outros ainda não sei, pois Baillière ainda não me avizou. Adeus. Lembranças à Maria.

Teu irmão

Antonio.

Vê lá se me envias a mezada no dia. Não me afflijas mais. A tempestade fez-me immenso mal. Basta as do mar.

22

AO MESMO

(BILHETE POSTAL)

Segunda feira
26-III-1894

2, rue des Croisades
Bruxellas

Augusto, aproveitando um «exprés de plaisir» com que nós, os estudantes, somos de quando em quando contemplados, vim com outros rapazes até à Belgica. 12 f^{s} ida e volta: quando haverá, ahi, comboio assim?